



University of
Texas Libraries

REDIB
Red Iberoamericana
latindex

e-revist@s

Sumários.org



Centro Universitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 3, art. 13, p. 208-227, mar. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.3.13>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Mulheres Trabalhadoras Com e Sem Filhos: Estudo Qualitativo Sobre Papéis e Uso do Tempo

Working Women with and Without Children: A Qualitative Study About Roles and Time use

Leticia Maria Barbano

Mestre em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos

E-mail: leticia barbano@yahoo.com.br

Daniel Marinho Cezar da Cruz

Pós-Doutorado em Neurologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Doutor em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCar

Professor da Universidade Federal de São Carlos

E-mail: cruzdmc@gmail.com

Endereço: Leticia Maria Barbano

Departamento de Terapia Ocupacional. Rodovia
Washington Luis km 235, Monjolinho. 13565905 - São
Carlos, SP – Brasil.

Endereço: Daniel Marinho Cezar da Cruz

Departamento de Terapia Ocupacional. Rodovia
Washington Luis km 235, Monjolinho. 13565905 - São
Carlos, SP – Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues.**

**Artigo recebido em 18/12/2019. Última versão
recebida em 02/01/2020. Aprovado em 03/01/2020.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

**Apoio e financiamento: FAPESP; Universidade
Federal de São Carlos (UFSCar)**



RESUMO

Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, a distribuição de suas ocupações foi alterada e isso impactou no uso de seu tempo. O objetivo deste estudo foi investigar e comparar a importância e o significado dados aos papéis ocupacionais desempenhados por mulheres trabalhadoras com e sem filhos, bem como se estão satisfeitas com o modo como ocupam o próprio tempo. Foi utilizado como referencial teórico o Modelo de Ocupação Humana. Trata-se de um estudo descritivo e comparativo de abordagem qualitativa. Foram aplicados os instrumentos “Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais” e uma “Entrevista semiestruturada” (elaborada pelos pesquisadores). Participaram oito mulheres trabalhadoras, divididas em dois grupos: com e sem filhos. Os dados da lista foram tabulados descritivamente e as entrevistas foram transcritas e analisadas por “Análise de Conteúdo Temática”. Emergiram três categorias: “A ocupação como identidade e seus significados a partir dos papéis ocupacionais”; “Satisfação e insatisfação quanto ao uso do tempo para participação em novas ocupações”; “A falta de tempo resultante da sobrecarga de papéis”. Os resultados mostraram que, em ambos os grupos, o papel de trabalhadora e membro de família é mencionado como muito significativo. Para as mulheres com filhos, trabalhar equilibra os papéis dentro e fora do lar, além de ajudar financeiramente a família. Em todas as entrevistas apareceu a necessidade de administrar melhor o próprio tempo para se engajar em maior número de ocupações.

Palavras-Chave: Trabalho. Mulheres. Papel Ocupacional. Uso do Tempo. Equilíbrio Trabalho-Família.

ABSTRACT

With the insertion of women in the labor market, the distribution of their occupations was changed and this affected the use of their time. The aim of this study was to investigate and compare the importance and meaning given to roles played by working women with and without children, as well as being satisfied with the way they occupy their own time. The theoretical framework used was the Model of Human Occupation. This is a descriptive and comparative study with qualitative approach. The instruments “Role Checklist” and a “Semi-structured Interview” (elaborated by the researchers) were applied. Eight working women participated, divided into two groups: with and without children. The data in the list were descriptively tabulated and the interviews were transcribed and analyzed by “Thematic Content Analysis”. Three categories emerged “Occupation as identity and its meanings from roles”; “Satisfaction and dissatisfaction with the use of time to participate in new occupations”; “The lack of time resulting from role overload.” The results showed that in both groups the role of worker and family member is mentioned as very significant. For women with children, working balances roles in and out of the home, as well as helping the family financially. In all interviews emerged the need to better manage their time to engage in more occupations.

Key-words: Work. Women. Roles. Use of Time. Work-Family Balance.

1 INTRODUÇÃO

A temática da mulher trabalhadora pode ser estudada por diversos enfoques e referenciais teóricos. Entretanto, independentemente do viés a ser adotado, é importante situar a discussão historicamente.

Até o final da Idade Média e início do Capitalismo, não havia separação formal entre casa e trabalho. O trabalho reprodutivo – doméstico e de cuidado – não era isolado do trabalho produtivo – de geração de renda (MIOTO, 2015; BRAYBON, 2012; PERNOUD, 1995). A partir da consolidação das cidades e construção das indústrias, esta organização foi alterada e, graças à cultura capitalista, o trabalho produtivo passou a ser mais valorizado que o trabalho reprodutivo (DEDECCA, 2015; MIOTO, 2015; DEDECCA, 2008; FONTOURA *et al.*, 2010).

Toda esta reorganização social refletiu na rotina, papéis desempenhados e uso do tempo da mulher que, inserida no mercado de trabalho, passou a acumular novas funções para além do trabalho reprodutivo (MIOTO, 2015; BRAYBON, 2012; FONTOURA *et al.*, 2010). Desde essa época até os dias atuais, diversos estudos em vários países ao redor do mundo (TRIGO, 2019; OLLO-LOPÉZ; GOÑI-LEGAZ, 2017; WEEDEN; CHA; BUCCA, 2016; HOOK; PETTIT, 2016; ANDRINGA *et al.*, 2015) mostram que as mulheres fazem dupla jornada de trabalho, isto é, trabalham dentro e fora do lar.

No Brasil, dados do IBGE (2015) afirmam que a mulher brasileira, apesar de trabalhar menos horas que os homens em trabalhos remunerados, tem carga horária total de trabalho cinco horas maior que o total masculino, pois desempenha mais horas de trabalhos domésticos. Esta sobrecarga de trabalho se mostra mais evidente quando a mulher é mãe (TRIGO, 2019; ANDRINGA *et al.*, 2015; FONTOURA *et al.*, 2010).

Na nota técnica “Mulheres e Trabalho: breve análise do período 2004-2014” (PINHEIRO *et al.*, 2016), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), há a afirmação sobre a necessidade de “desenvolver estudos visando aprofundar o diagnóstico da situação da mulher no mundo do trabalho para subsidiar as políticas de promoção de trabalho decente” (p. 26). Neste sentido, o presente estudo se mostra pertinente por ter como objetivo investigar e comparar a importância e o significado dados aos papéis ocupacionais desempenhados por mulheres trabalhadoras com e sem filhos, bem como se estão satisfeitas com o modo como ocupam o próprio tempo. É utilizado o Modelo de Ocupação Humana como embasamento teórico para a discussão dos dados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Modelo de Ocupação Humana foi desenvolvido pelo terapeuta ocupacional e psicólogo Gary Kielhofner com o objetivo de compreender como as pessoas se adaptam aos seus problemas ocupacionais e redescobrem modos significativos de desempenhar ocupações (TAYLOR; KIELHOFNER, 2017). Este modelo propõe a integração de quatro elementos: a volição, a habituação, o desempenho e o ambiente.

A volição se refere às motivações que um sujeito tem para se engajar em determinada ocupação e abarca três elementos: a causação pessoal, valores e interesses. A habituação explica como a ocupação se torna parte integrante da rotina e contexto de uma pessoa e engloba hábitos, rotina e os papéis ocupacionais. A capacidade de desempenho envolve elementos objetivos (habilidades físicas e psicológicas) e elementos subjetivos (experiências prévias que a pessoa teve ao desempenhar a ocupação). Já o ambiente envolve três dimensões: física, social e ocupacional. Estas três dimensões coexistem em três níveis: contextos imediatos (como nossas casas, trabalho e escola), contextos locais (como o bairro e a comunidade) e contextos globais (como a sociedade). Todos os níveis e dimensões do ambiente influenciam e são influenciados pelas pessoas que o compõem. Os aspectos culturais estão presentes em todos os níveis. (LEE; KIELHOFNER, 2017a; LEE; KIELHOFNER, 2017b; THAM *et al*, 2017; FISHER *et al.*, 2017)

Os papéis ocupacionais constituem um elemento da habituação e são definidos como um “conjunto de comportamentos esperados pela sociedade, modelados pela cultura e pelo contexto, que podem ser ainda mais conceituados e definidos pelo cliente” (AOTA, 2015, p.28). O uso que uma pessoa faz do próprio tempo é modelado pela rotina que ela tem e pelos papéis ocupacionais que desempenha (LEE; KIELHOFNER, 2017b; KIELHOFNER, 1977).

3 METODOLOGIA

3.1 Aspectos Éticos

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil, pelo parecer nº 2.167.516. Foram respeitados os princípios éticos estabelecidos na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, sendo consideradas participantes

da pesquisa as mulheres que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.2 Tipo de pesquisa

Trata-se de um estudo descritivo e comparativo, com abordagem qualitativa. As pesquisas descritivo-comparativas descrevem, ordenam, analisam e comparam dados, de maneira a verificar semelhanças e diferenças dos fenômenos, sem a interferência do pesquisador (PRODANOV; FREITAS, 2013).

3.3 Participantes

Esta pesquisa é derivada de um estudo quantitativo comparando mulheres trabalhadoras com e sem filhos (BARBANO; CRUZ, 2019). Participaram da primeira parte da pesquisa, em amostra definida por análise estatística com 90% de confiabilidade e 15% de margem de erro, um total de 171 participantes, as quais responderam a um questionário *online*. Esta primeira etapa buscou analisar quantitativamente o uso do tempo, poder aquisitivo e satisfação no trabalho de mulheres trabalhadoras com e sem filhos. Os resultados apontaram que mulheres com filhos gastaram mais horas de seu dia em higiene, cuidado com idosos, religião e estudos quando comparadas com mulheres sem filhos ($p=0.001$). Mulheres com filhos apresentaram maior satisfação no trabalho (em relação ao domínio profissional) ou estatisticamente igual (em relação ao score final do teste aplicado) às mulheres sem filhos ($p=0.2362$). Quanto ao poder aquisitivo, mulheres com filhos apresentaram classes econômicas (e, portanto, poder de consumo) mais elevados que mulheres sem filhos ($p<0.018$) (BARBANO; CRUZ, 2019).

A partir da primeira etapa, quantitativa, foram selecionadas aleatoriamente 8 mulheres para compor a presente pesquisa, de natureza qualitativa, sendo 4 do grupo sem filhos e 4 do grupo com filhos. Como critério, foram utilizados testes não paramétricos - abordagem recomendada por um serviço de estatística - que não definiu um número de amostra, levando em consideração que os dados coletados seriam qualitativos. Dessa forma, ficou apenas definido um número igual de participantes para os dois grupos, uma vez que a pesquisa qualitativa não se prende às representatividades numéricas, mas preocupa-se com o entendimento e os significados de um fenômeno ou grupo (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

3.4 Instrumentos da coleta de dados

Para a coleta, foram aplicados os seguintes instrumentos:

- Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais (*Role Checklist*): trata-se de um instrumento em formato de entrevista, de origem norte-americana e baseado no Modelo de Ocupação Humana. Foi adaptado transculturalmente e validado no Brasil por Cordeiro (2007). Dividido em duas partes, a primeira avalia os principais papéis ocupacionais que a pessoa assinala nos tempos: passado, presente e futuro. A segunda parte verifica o grau de importância atribuído a cada papel, podendo ser: “nenhuma importância”, “alguma importância” ou “muita importância”. Os papéis apresentados pela lista são dez: 1) estudante, 2) trabalhador, 3) voluntário, 4) cuidador, 5) serviço doméstico, 6) amigo, 7) membro de família, 8) religioso, 9) passatempo/amador e 10) participante em organizações. Há, ainda, a opção de a pessoa apontar outro papel não listado. A lista de Identificação de Papéis Ocupacionais é adequada e confiável para obtenção de dados acerca da percepção de uma pessoa sobre os seus papéis ocupacionais (CORDEIRO, 2007).

- Entrevista Semiestruturada: foi elaborada pelos pesquisadores a partir da Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais, a fim de aprofundar o significado que as mulheres atribuem para seus papéis ocupacionais. Este roteiro foi pré-testado com três pessoas e foi verificado que não eram necessárias alterações para captar as percepções acerca dos papéis. O roteiro foi composto pelas perguntas: “Por que você acha muito importante desempenhar este(s) papel(is)?”; “Qual papel você mais gosta de desempenhar, e por quê?”; “Você está satisfeito com o modo como ocupa seu tempo? Por quê? O que mudaria, se pudesse?”.

A entrevista foi realizada após a aplicação da Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais e, a partir dos resultados desta, as mulheres foram entrevistadas quanto aos papéis que consideravam como “muito importantes”.

3.5 Procedimentos de coleta e análise dos dados

Para a Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais, os dados foram analisados em frequências absolutas e relativas, de acordo com os papéis nos tempos: passado, presente e futuro e quanto ao seu grau de importância (ELLIOT; BARRIS, 1987).

Os dados obtidos pelos dois instrumentos foram interpretados com base no Modelo de Ocupação Humana de Gary Kielhofner (TAYLOR; KIELHOFNER, 2017), levando em consideração como a volição, habituação, desempenho e ambiente influenciam no

engajamento das ocupações, no uso do tempo e nos papéis ocupacionais desempenhados pelas participantes desta pesquisa.

As entrevistas foram realizadas no local que as participantes considerassem mais adequado, podendo ser o ambiente de trabalho, ambiente doméstico ou outro lugar apontado por elas. A duração de cada entrevista foi em média de 15 minutos, contando neste tempo a apresentação dos objetivos e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os dados foram gravados e transcritos. Após a transcrição, foram analisados por meio da técnica de “Análise do Conteúdo Temática” (MINAYO, 2012). A técnica de Análise do Conteúdo Temática visa descrever de maneira objetiva e sistemática o conteúdo que aparece em comunicação transcrita, a partir da categorização do conteúdo em temas. Considerou-se para essa pesquisa duas etapas: leitura das transcrições, de modo a estabelecer relações entre os textos e conceitos teóricos gerais, e categorização em temas a partir dos assuntos que emergiam durante a leitura (MINAYO, 2012).

As categorias temáticas emergidas a partir da leitura foram três: “A ocupação como identidade e seus significados a partir dos papéis ocupacionais”; “Satisfação e insatisfação quanto ao uso do tempo para participação em novas ocupações”; “A falta de tempo resultante da sobrecarga de papéis”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Resultados da Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais

A Tabela 1 apresenta os resultados da Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais organizada pelos papéis ocupacionais que as participantes desempenham no presente, no passado e no futuro, assim como as frequências dos papéis atribuídos como “muito importantes” pelas participantes dos dois grupos.

Tabela 1 - Frequência de papéis desempenhados pelas participantes dos grupos mulheres com filhos (n=4) e mulheres sem filhos (n=4) e frequência de papéis considerados cujo grau de importância é “muito importante”.

Papéis	Mulheres com Filhos						GI*		Mulheres sem Filhos						GI*	
	Passado		Presente		Futuro				Passado		Presente		Futuro			
	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N
1. Estudante	50%	2	25%	1	75%	3	50%	2	25%	1	75%	3	75%	3	75%	3
2. Trabalhadora	0%	0	100%	4	100%	4	100%	4	0%	0	100%	4	100%	4	100%	4
3. Serviços Domésticos	0%	0	100%	4	100%	4	50%	2	0%	0	100%	4	100%	4	25%	1
4. Amigo	0%	0	100%	4	100%	4	50%	2	25%	1	75%	3	75%	3	75%	3
5. Membro de Família	0%	0	100%	4	100%	4	75%	3	0%	0	100%	4	100%	4	100%	4
6. Passatempo	25%	1	50%	2	100%	4	0%	0	0%	0	75%	3	75%	3	75%	3
7. Voluntária	50%	2	50%	2	75%	3	50%	2	25%	1	25%	1	75%	3	25%	1
8. Cuidadora	25%	1	75%	3	50%	2	50%	2	25%	1	25%	1	50%	2	75%	3
9. Religioso	25%	1	25%	1	75%	3	50%	2	25%	1	50%	2	50%	2	50%	2

10. Participante em organizações	25%	1	50%	2	75%	3	0%	0	0%	0	25%	1	75%	3	0%	0
----------------------------------	-----	---	-----	---	-----	---	----	---	----	---	-----	---	-----	---	----	---

* Grau de Importância

Fonte: Os autores.



Observa-se pelos dados da Tabela 1 que, para as mulheres com filhos, os papéis ocupacionais que elas querem dar continuidade no futuro são 04: trabalho, serviços domésticos, amigos e membro de família. Para as mulheres sem filhos, foram escolhidos os mesmos papéis, com a exceção do papel de amigos. Destaca-se que, quanto à importância, o trabalho e a família foram as únicas ocupações que receberam 100% de “muita importância” por ambos os grupos de mulheres.

CATEGORIA 1- A ocupação como identidade e seus significados a partir dos papéis ocupacionais

Os papéis mais citados para as mulheres com filhos foram os de trabalhadora, membro de família, amiga, serviço domésticos e voluntária. Três das quatro entrevistadas se referiram ao trabalho como uma oportunidade de conhecer novas pessoas e equilibrar os papéis que desempenham no ambiente doméstico, mostrando que o conceito de trabalho está fortemente associado às atividades remuneradas. Duas o veem, também, como meio de trocas como bens e serviços, referindo-se às necessidades financeiras para a família.

“Eu também acho que é importante para você sair daquele ambiente da casa...É um momento que você sai, que você interage com outras pessoas, que você tem um convívio social...mais amigos... E, no meu caso, eu gosto muito do que eu faço, que eu estou lidando com adolescentes, eu dou aula para ensino médio, então é boa a troca de energia com eles, faz falta, tanto é que nas férias eu fico com saudade da escola (risos) porque eu gosto, né?”. (Entrevistada 01, 47 anos, com filhos, professora de ensino médio).

“Porque se eu não tiver um trabalho para manter a família, ajudar minha filha no futuro, porque a gente trabalha já pensando no futuro dos filhos, né”. (Entrevistada 02, 32 anos, com filhos, secretária).

“Amizade, família e casa, acho que esses são fundamentais para você ter um convívio, acho que isso é o mais importante para mim... Eu acho que assim, sem a família você não é nada; se você está na dificuldade seu amigo está ali para lhe dar o ombro; da casa, se você

não tiver um alicerce, você não tem nada". (Entrevistada 02, 32 anos, com filhos, secretária).

"Trabalhar fora eu gosto, cuidar da minha casa também, ter um tempo para fazer serviço voluntário é muito importante...". (Entrevistada 03, 52 anos, com filhos, auxiliar de produção).

"Eu acho importante desempenhar o papel de mãe [membro de família], em primeiro lugar, depois o de trabalhadora fora do lar, porque isso além de contribuir financeiramente falando, melhora minha autoestima, eu também consigo dividir meu tempo entre trabalho e família". (Entrevistada 04, 55 anos, com filhos, auxiliar administrativa).

Para as mulheres sem filhos, os papéis mais mencionados foram os de trabalhadora, amiga e membro de família – papéis em comum com as mulheres com filhos – diferindo destas ao mencionarem os papéis de religiosa, cuidadora e passatempo. Três das quatro entrevistadas afirmaram a importância de todos os papéis que desempenhavam, sendo difícil destacar um ou outro mais importante. Todas as entrevistadas sem filhos afirmaram dar grande importância à atividade do trabalho, dedicando a maior parte de seu dia a isto. Também foi possível observar a necessidade do equilíbrio no uso do tempo ao assumir diferentes papéis.

"Olha, todos os papéis que eu citei na verdade é como ocupo meu tempo, é minha vida, é o que sou. [...] minha vida hoje se baseia nestes papéis" (Entrevistada 06, 36 anos, sem filhos, bióloga).

"Ultimamente é trabalhar e religião, e também ajudar a família... Como não tenho filhos eu me dedico à família, não só ao meu marido, mas aos sobrinhos, irmãos etc" (Entrevistada 05, 53 anos, sem filhos, direto de escola infantil).

"Então essa coisa do passatempo, eu gosto muito, me identifico, me faz feliz, me faz bem, me reconheço. É interessante que na

minha rede social eu acabo colocando muitas fotos de dança e as pessoas vem falar comigo por causa disso (risos), é engraçado! 'Ah, você dançou de novo?'. Acho que as pessoas também me reconhecem a partir desse papel” (Entrevistada 08, 32 anos, sem filhos, terapeuta ocupacional).

“O trabalho, acho que a gente não pode ficar só no trabalho, mas eu gosto de trabalhar, eu gosto do que eu faço... É um dos papéis mais importantes e a gente acaba ficando mais tempo no trabalho, né? A maior parte do tempo você está pensando [no trabalho] ou trabalhando” (Entrevistada 06, 36 anos, sem filhos, bióloga).

“Uma vez eu ouvi uma frase que não vou saber explicitar de quem é, que é aquela frase que diz que o homem não é uma ilha. Então eu acho que eu tenho muito isso em mim... Eu gosto de gente, eu gosto de conviver com pessoas. E eu acho que esses papéis que você me perguntou são braços de como viver, de como se relacionar e eu acho também que eles se completam” (Entrevistada 07, 39 anos, sem filhos, dentista).

“O ser trabalhador também é um jeito de você se afirmar na comunidade que você está, é um dos papéis que você desempenha desse seu reconhecimento a partir da sua atividade profissional” (Entrevistada 08, 32 anos, sem filhos, terapeuta ocupacional).

“O papel de religiosa é muito importante para mim, mas de cuidador também, porque a minha profissão é isso, né... Quem é da área da saúde gosta de cuidar. O papel religioso é meio que uma ferramenta para quem quer cuidar. Quando eu quero cuidar, eu lanço mão do papel de estudante, para ter conhecimento técnico, eu lanço mão do papel de religioso, para ter misericórdia, eu lanço mão de outros papéis, então eu tenho

a impressão que de tudo o que eu faço o que eu gosto mais é de cuidar” (Entrevistada 07, 39 anos, sem filhos, dentista).

CATEGORIA 2- Satisfação e insatisfação quanto ao uso do tempo para participação em novas ocupações

Os dois grupos relataram a necessidade de administrar melhor o tempo para se engajar em maior número de ocupações. As mulheres com filhos relataram necessidade de equilibrar os papéis para dedicar mais tempo à família e às atividades de lazer e esportes, fazendo projeções para ocupar o tempo com novos papéis no futuro. Esse dado sugere que o trabalho pode ser uma ocupação que se coloca, de certa forma, como uma limitação no tempo para a participação em outras ocupações. As mulheres sem filhos relataram que, caso pudessem reorganizar a rotina, dedicariam seu tempo às atividades de voluntariado e lazer.

“Só estou esperando me aposentar para fazer mais atividades ainda [risos] que já tá no meu projeto: quero fazer capoeira para terceira idade, já vi onde tem, quero fazer aula de teatro, mas por enquanto não dá tempo, minha agenda tá ocupada com tudo”. (Entrevistada 01, 47 anos, com filhos, professora de ensino médio).

“Eu acho que daria um pouco mais de tempo para minha família [...] Se ficar pensando só em trabalho, atrapalha a família... a maioria das pessoas se deixam por causa disso”. (Entrevistada 02, 32 anos, com filhos, secretária).

“Então, se eu pudesse, eu sei que isso só depende de mim, eu arranjaría um tempo para praticar esporte e lazer. Eu preciso me organizar mais nesse sentido, eu sempre estou arrumando desculpa (risos)”. (Entrevistada 04, 55 anos, com filhos, auxiliar administrativa).

“Eu estou satisfeita, eu sou feliz assim. Mas a gente sempre pensa que poderia fazer mais (risos) [...] Talvez eu colocaria mais hobbies e faria um voluntariado”. (Entrevistada 06, 36 anos, sem filhos, bióloga).

“Não estou satisfeita (risos). Organizar a agenda é um desafio diário... Eu me sinto muito abençoada por ter muitos pacientes, mas é um desafio diário... Isso toma tempo de outras coisas que eu gostaria de fazer [...] Eu gostaria de ter mais tempo de me dedicar a isso [voluntariado], mas eu sei que esse tempo não existe porque eu não administro bem o tempo do meu trabalho, entende? Eu ainda não consegui identificar porque eu não administro bem”. (Entrevistada 07, 39 anos, sem filhos, dentista).

“É, olha, olhando aqui a importância que eu estou dando e o futuro mesmo do desempenho dessas atividades, eu acho que talvez eu nunca esteja muito satisfeita com a forma com que elas estão organizadas. Eu acabo trabalhando mais do que gostaria e isso me dá menos tempo para dançar ou mesmo para ver os amigos... Não posso dizer que estou satisfeita com a forma como o meu tempo está ocupado com estas ocupações, mas eu sou feliz por fazer essas ocupações”. (Entrevistada 08, 32 anos, sem filhos, terapeuta ocupacional).

CATEGORIA 3- A falta de tempo resultante da sobrecarga de papéis ocupacionais

Sete das oito mulheres entrevistadas, independentemente de ter ou não filhos, relataram dificuldade em equilibrar o uso do próprio tempo com os papéis que desempenham, ocasionando sobrecarga de papéis ou dificuldade em administrar as ocupações que estão engajadas ou que gostariam de se engajar. Nos discursos também se pôde observar a questão cultural de gênero, pois determinados papéis são esperados pela sociedade que sejam assumidos por mulheres.

“Sempre sobra mais para a mulher, o homem é mais acomodado com questões domésticas, é uma questão cultural... Vejo isso na minha casa... Meu marido foi criado dessa forma, mas eu procurei não educar meus filhos assim.... Mas eu sempre vejo que há um obstáculo... pra ir em banco não vai, então acaba sobrando mais para a mulher, seja a questão da área doméstica, seja para ir em banco, supermercado... 98% em casa, quem faz tudo, sou eu” (Entrevistada 01, 47 anos, com filhos, professora de ensino médio).

“Mas eu sei que preciso arrumar um tempinho para os esportes, acho que isso ajudaria na minha autoestima e saúde” (Entrevistada 04, 55 anos, com filhos, auxiliar administrativa).

“Eu estou satisfeita, mas eu estou em uma fase da minha vida que eu preciso começar a pensar mais em mim, que é o que eu não faço. Eu me anulo para atender aos outros e estou vendo que ultimamente, você chega a uma etapa da vida, uma certa idade, que você vê que tem que se preocupar com você, né... [...]Tô pensando para o futuro ter esse tempo para mim...Porque seu organismo começa a exigir isso...” (Entrevistada 05, 53 anos, sem filhos, diretora de escola infantil).

“Eu sou feliz dessa maneira, mas parece que falta tempo...” (Entrevistada 06, 36 anos, sem filhos, bióloga).

“Mas eu sei que esse tempo não existe porque eu não administro bem o tempo do meu trabalho, entende? Eu ainda não consegui identificar porque eu não administro bem.” (Entrevistada 07, 39 anos, sem filhos, dentista).

Taylor e Kielhofner (2017) contextualizam que o engajamento em uma ocupação gera uma identidade, que mostra quem nós somos e quem nós queremos ser

como seres ocupacionais. Os resultados das entrevistas apontaram que os dois grupos deram ênfase para o papel ocupacional de trabalhadora, evidenciando esta ocupação como identidade perante a si e pela sociedade. Nesse sentido, os elementos do Modelo de Ocupação Humana estão integrados na identidade ocupacional: a volição – pela motivação de se engajar na ocupação do trabalho; a habituação – pelo exercício contínuo do papel ocupacional de trabalhadora; o desempenho – levando em consideração as habilidades desenvolvidas para este papel; e o ambiente – que atua pelos elementos culturais, políticos, religiosos e sociais, influenciando cada indivíduo e a sociedade.

Para as mulheres com filhos, trabalhar se mostrou como uma ocupação que equilibra a vida dentro e fora do lar, além de ser essencial por prover as necessidades financeiras da família. Estes dados entram em acordo com os dados quantitativos da primeira parte do estudo, em que mães tiveram maior satisfação trabalho em relação às mulheres sem filhos. O trabalho produtivo é, na sociedade capitalista, mais valorizado que o trabalho reprodutivo (dentro do lar) (DEDECCA, 2015; FONTOURA *et al.*, 2010; DEDECCA, 2008). Assim, para mães, mesmo que desempenhem serviços domésticos, trabalhar fora de casa sugere maior reconhecimento perante a sociedade.

Interessante notar que as mulheres sem filhos mencionaram o papel de “cuidadora” mais que as mães, inclusive atribuindo maior importância para este papel do que mulheres com filhos. No entanto, mães relataram necessidade de ter maior tempo com a família. As mães atribuíram maior importância para o papel do cuidado, mas mulheres sem filhos atribuem maior significado para este papel.

Segundo o Modelo de Ocupação Humana (TAYLOR; KIELHOFNER, 2017; Fisher *et al.*, 2017), ocupação e contexto estão interligados e se influenciam reciprocamente. É possível que no contexto latino, em que se preza pelo coletivo mais que em culturas individualistas, a ocupação do cuidado seja mais valorizada pelas participantes do que em outros contextos. Isto pode também estar relacionado às expectativas sociais criadas para que mulheres desempenhem papéis relacionados ao cuidado (TRIGO, 2019; MIOTO, 2015; FISHER *et al.*, 2017). Assim, cuidar do outro, seja a pessoa uma amiga, parente, filho ou um desconhecido (como é o caso do trabalho voluntário), aparece como algo relevante para as mulheres entrevistadas.

Já em relação ao uso do próprio tempo, observa-se que mulheres sem filhos relataram muita importância para o papel ocupacional de passatempo/amador (demonstrando que dedicam tempo a este papel). Todavia, para as mães, este papel não

chegou a ser mencionado como muito importante, apesar destas relatarem nas entrevistas a necessidade de maior tempo dedicado ao lazer.

O modo como uma pessoa organiza seu tempo está relacionado com os seus hábitos, isto é, às atividades que rotineiramente executa (LEE; KIELHOFNER, 2017b). Os hábitos dão segurança e organização para a vida das pessoas. Entretanto, engajar-se em novas ocupações requer reorganização da rotina e conseqüente transformação de determinados hábitos, eliminando ou delegando tarefas, de modo a efetivar uma rotina equilibrada (LEE; KIELHOFNER, 2017b).

Além da reorganização do próprio tempo e rotina através da transformação de hábitos e delegação de tarefas, é importante mencionar o ambiente – em todos os seus níveis e dimensões – interferindo positivamente ou negativamente no desempenho ocupacional (FISHER *et al.*, 2017). No nível físico, é possível que modificações ambientais (como a aquisição de novos equipamentos para o lar) diminuíssem o tempo gasto com trabalho doméstico e otimizasse o tempo das mulheres entrevistadas. No nível social, é necessário refletir que elas podem deixar de se engajar em determinadas ocupações porque alguns fatores – como o excesso de tarefas domésticas, carga horária elevada de trabalho, entre outros, – influenciam negativamente no uso do tempo e, conseqüentemente, nos papéis ocupacionais desempenhados (FISHER *et al.*, 2017). Em nível ocupacional, a reorganização da rotina e flexibilização das horas trabalhadas poderia resultar em equilíbrio ocupacional e melhora na qualidade de vida (FISHER *et al.*, 2017; OLLO-LOPÉZ; GOÑI-LEGAZ, 2017; ANDRINGA *et al.*, 2015)

Ainda, destaca-se que as dificuldades econômicas (como a possibilidade financeira de se engajar em ocupações de lazer), de locomoção (ineficácia dos transportes públicos ou o preço elevado destes) e políticas (não cumprimento de leis e direitos) constituem variáveis particulares do contexto brasileiro que podem dificultar o engajamento em uma ocupação. Desta maneira, é possível que muitas das mulheres entrevistadas possam vivenciar estas situações, tornando-se necessárias novas pesquisas que investiguem estas hipóteses.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a investigar e comparar a importância e o significado dados aos papéis ocupacionais desempenhados por mulheres com e sem filhos, bem como se estão satisfeitas com o modo como ocupam o próprio tempo. Os resultados

mostraram que, em ambos os grupos, o papel de trabalhadora e membro de família é mencionado como muito significativo. Para as mulheres com filhos, trabalhar equilibra os papéis dentro e fora do lar, além de ajudar financeiramente a família. Em todas as entrevistas emergiu a necessidade de administrar melhor o próprio tempo para se engajar em maior número de ocupações.

Por se tratar de um estudo qualitativo, não é possível generalizar os resultados, mas entende-se que estes apresentam reflexões importantes para pensar no papéis desempenhados por mulheres trabalhadoras. Para futuras pesquisas recomenda-se investigar a influência de fatores ambientais no engajamento e desempenho de ocupações e também sobre como as adaptações na rotina e uso do tempo impactariam na melhoria do bem-estar de mulheres trabalhadoras.

REFERÊNCIAS

ANDRINGA, W.; NIEUWENHUIS, R.; VAN GERVEN, M. Women's working hours: the interplay between gender role attitudes, motherhood, and public childcare support in 23 European countries. **International Journal of Sociology and Social Policy**, 35(11/12), 2015.

AOTA - ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL. Estrutura da Prática de Terapia Ocupacional: Domínio e Processo. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, jan.-abr. 2015;26(ed. esp.):1-49.

BARBANO, L. M.; CRUZ, D. M. C. Time use, purchasing power, and job satisfaction: Correlation and comparison between working women with children and working women without children. **Work**, v. 62, n. 4, p. 563-571, 2019.

BRAYBON, G. **Women Workers in the First World War**. New York: Routledge, 2012.

CORDEIRO, Junia J.R. Cross-cultural reproductibility of the brazilian portuguese version of the role checklist for persons with chronic obstructive pulmonar disease. **Am. J. Occup. Ther.**, v.61, n.1, p. 33-40, 2007.

DEDECA, C. S. **Regimes de trabalho, uso do tempo e desigualdade entre homens e mulheres**. In: COSTA, A. O.; SORJ, B.; BRUSCHINI, C.; HIRATA, H. Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

DEDECCA, C. S. Uso do Tempo e Gênero uma dimensão da desigualdade socioeconômica brasileira. **Livros**, p. 119-129, 2015.

ELLIOTT, Marjorie S.; BARRIS, Roann. Occupational role performance and life satisfaction in elderly persons. **Occupational Therapy Journal of Research**, v. 7, n. 4, p. 315-24, 1987.

FISHER, Gail. *et al.* The Environment and Human Occupation. In: **Kielhofner's Model of Human Occupation: theory and application**. Philadelphia: Wolters Kluwer Health, 2017.

FISHER, Gail. *et al.* The Environment and Human Occupation. In: **Kielhofner's Model of Human Occupation: theory and application**. Philadelphia: Wolters Kluwer Health, 2017.

FONTOURA, Natalia. *et al.* Pesquisas de uso do tempo no Brasil: contribuições para a formulação de políticas de conciliação entre trabalho, família e vida pessoal. **Revista Econômica**, Rio de Janeiro, v 12, n 1, 2010.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOOK, J.; PETTIT, B. Reproducing Occupational Inequality: Motherhood and Occupational Segregation. **Social Politics**, 23(3): 2016.

KIELHOFNER, G. Temporal Adaptation: a conceptual framework for occupational therapy. **Am J Occup Ther.**, 31(4):235-42, 1977.

LEE, Sun W.; KIELHOFNER, Gary. (2017a). Volition. In: **Kielhofner's Model of Human Occupation: theory and application**. Philadelphia: Wolters Kluwer Health, 2017.

LEE, Sun W.; KIELHOFNER, Gary. (2017b). Habituation: patterns of Daily Occupation. In: **Kielhofner's Model of Human Occupation: theory and application**. Philadelphia: Wolters Kluwer Health, 2017.

MINAYO, Maria C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2012.

MIOTO, R. C. T. Política social e trabalho familiar: questões emergentes no debate contemporâneo. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 699-720, 2015.

OLLO-LÓPEZ, A.; GOÑI-LEGAZ, S. Differences in work–family conflict: which individual and national factors explain them? **The International Journal of Human Resource Management**, 28(3): 499-525, 2017.

PERNOUD, R. **A burguesia**. Portugal: Publicações Europa-América, 1995.

PINHEIRO, L. S. *et al.* **Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014**. Governo Federal: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Brasília: 2016.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Nova Hamburgo: Feevale. 2013.

TAYLOR, Renée R; KIELHOFNER, Gary. Introduction to the Model of Human Occupation. In: **Kielhofner's Model of Human Occupation: theory and application**. Philadelphia: Wolters Kluwer Health, 2017.

THAM, K. et al. Performance Capacity and the Lived Body. In: **Kielhofner's Model of Human Occupation: theory and application**. Philadelphia: Wolters Kluwer Health, 2017.

TRIGO, I. V. Oportunidades y desafíos para la autonomía de las mujeres en el futuro escenario del trabajo. **Serie Asuntos de Género**, N° 154 (LC/TS.2019/3), Santiago, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2019.

WEEDEN, K.A.; CHA, Y.; BUCCA, M. Long Work Hours, Part- Time Work, and Trends in the Gender Gap in Pay, the Motherhood Wage Penalty, and the Fatherhood Wage Premium. **RSF: The Russell Sage Foundation Journal of the Social Sciences**, 2(4): 71-102, 2016.

Contribuição dos Autores	A L. M. Barbano	D. M. C. Cruz
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

BARBANO, L. M; CRUZ, D. M. C. Mulheres Trabalhadoras com e Sem Filhos: Estudo Qualitativo Sobre Papéis e uso do Tempo. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 3, art. 13, p. 208-227, mar. 2020.